

A Força de um Sinal

• Nota introdutória •

Leitairegos é um porto de montanha do sul ocidente asturiano.

Com o fim de manter povoado aquele inóspito lugar e auxiliar as pessoas que circulassem por este porto que unia o ocidente das Astúrias com Castilha, o rei Afonso 11º outorgou a Leitairegos, em 1326 um privilégio aos seus moradores., com a condição de ficarem isentos de tributos e receberem uma quantidade anual de farinha. Os seus moradores deviam fazer tocar o sino nos dias de nevoeiro e vendaval e procurar dar hospitalidade aos transeuntes e mercadores. Desse modo conseguiu-se que o lugar não se desabitasse.

- Da crónica "A reintrodução do camponês" de Jaime Izquierdo e traduzido para português por Francisco Manuel R. Alves.)

Todo o edifício destinado a práticas religiosas apostólicas, romanas, desde a simples capela destinada a devoções mais direccionadas, até à igreja da aldeia, a Sé do bispado, o convento mais emblemático das ordens religiosas e as capelas e igrejas privadas, possui uma torre sineira. Deixo de parte o toque dos sinos por carrilhões e as novas tecnologias de acionamento programado. Falo das igrejas das nossas aldeias a maior parte construídas em série por toda a cristandade sobretudo após a contra-reforma. Têm, estas igrejas uma torre sineira com dois sinos, normalmente pesam entre 300 a 500 kg, em bronze e no formato de campânula, suspensos por uma armação de madeira e aço. Produzem som quando percutidos na base inferior por um badalo de ferro suspenso no seu interior e ligado a um cadeado, uma corda de sisal ou um cabo de aço que o sineiro acciona. Pode ainda ser batido no exterior por sistema de martelo na forma manual ou mecânica e por volteio. É o sistema de badalo e cordas de sisal, por serem flexíveis, que permite ao sineiro exhibir e aprimorar a sua técnica diferenciadora nas várias formas de transmitir a mensagem sonora precisa. Quais mensagens?

(Continua)

(Continuação)

Os sinos das outras aldeias como sinal meteorológico. Quando se ouviam os outros sinos cada aldeia indicava um estado de tempo: chuva, trovoadas, nevoeiro, vento seco e gelado ou má lua.

TOQUE DAS AVÉ-MARIAS OU TOQUE DAS TRINDADES - No desconhecimento e ausência do relógio mecânico o tempo era medido pelo “movimento” do Sol, romper do dia, meia manhã, meio-dia, meia tarde, fim da tarde e ao anoitecer também dito “à boca da noite”. O toque das trindades, aos primeiros alvares do dia e quando já era de noite, tinha o sentido de sinalizar o início e o fim do dia, o dia que saía da noite, a noite que se apropriava do dia. Ordem cósmica? Não podemos confundir ou associar este toque com a sirene da fábrica, dos bombeiros, a barra de aço pendurada nos estaleiros, a campainha das escolas ou o clarim dos quartéis militares. Estes marcam a posição exacta dos ponteiros do relógio, tempo cronometrado, e destina-se a pessoas específicas particulares, não tem abrangência comunitária. A obrigação de tocar às trindades era delegada no mordomo das benditas almas de nomeação anual de preferência residente o mais próximo da igreja. Cada sino tem necessariamente uma sonoridade. Esta particularidade é deveras importante para o tocador quando tem que repicar ou diferenciar a mensagem. O sino da esquerda, também chamado bordão, emite um som próximo ou entre o Dó e o Ré, o da direita um som mais alto próximo do Fá. Cada badalada separada por digamos 5 segundos e cada série de 10 segundos. O toque da noite marcava, para os menores de idade a obrigatoriedade de estar na cozinha à última badalada.

TOQUE PARA A MISSA DO DIA - Dia comum em que o padre celebrava missa por obrigação de fiéis defuntos ou outro motivo. Davam-se entre 12/15 badaladas seguidas, com o sino da direita. Quando o padre entrava na igreja repetiam-se 5 badaladas. “Já deram as cinco”. Quando o padre subia ao altar repetiam-se 3 badaladas.

TOQUE PARA A CATEQUESE - Por norma de tarde depois da saída da escola e durante o tempo lectivo. Uma dúzia de badaladas consecutivas.

TOQUE PARA O TERÇO - Nos meses de Maio/Outubro em particular, ao por do Sol. Uma dúzia de badaladas.

TOQUE DAS ALMAS - Tocava-se no advento, mês de Dezembro, rezar para a chegada de Cristo, Natal. A mesma sequência das trindades sendo que a terceira badalada era dada com ambos os sinos. Marcava por norma o fim dos serões visto acontecer entre as 21:30 e as 22:00 horas.

TOQUE A CONSELHO - No início da manhã para reunião, ao centro da aldeia, das pessoas, carros e animais de tracção, previamente escalados para trabalhos comunitários: arranjo de caminhos vicinais, pontes, pontões, açúdes de água de rega pública, limpeza das fontes de abastecimento. (A primeira rede de água canalizada de abastecimento ao tanque publico foi executada em regime de conselho).

(Continua)

TOQUE A REBATE - Badalavam ambos os sinos freneticamente durante o tempo considerado necessário até não ficarem dúvidas de que a mensagem foi passada. Indicava um estado de emergência. Por norma fogos de proporções a requerer a ajuda de todos. Em defesa do interesse comum por ameaças do exterior (para rejeitar o processo de florestação tocou-se a rebate). A concentração era no centro da aldeia junto ao tanque. Não existiam bombeiros tampouco meios de comunicação telefónicos nem rodoviários motorizados.

TOQUE A FINADOS - Diz-se popularmente incordar ou encordar. Virá o termo das cordas que descem o caixão à cova? Do encordoamento das múmias na cultura fúnebre do antigo Egipto? Tocava-se quando alguém residente na aldeia falecia ou residindo fora a pedido dos familiares logo após ter conhecimento do óbito. Para a missa das almas. Na Quinta-Feira Santa, a meio da tarde a anunciar a morte de Cristo, durante os funerais, durante os Ofícios no dia de Todos os Santos. Durante o corpo presente qualquer uso do sino era antecedido do toque de encordar. Como se tocava: não era um toque de chamamento de badaladas consecutivas. Era um sinal inequívoco de morte ou referente à alma dos mortos. O sino da esquerda ou bordão dava uma badalada seca um pouco espaçada seguida de duas em uníssonos em ambos os sinos e repetia-se uma dúzia de vezes. Acredito que qualquer um ainda que culturalmente não esteja familiarizado com este ritual pela forma e sonoridade identificará um registo fúnebre.

TOQUE DE TENDE ANUBRADO - “Tende anubrado para casa de Santiago”. Quando se apresentavam nuvens negras, baixas, espessas, ameaçadoras de trovoadas devastadoras e em alturas que as trombas de água eram indesejadas como nos fenos ou nas segadas com medo dos varejos e do efeito das chispas, tocavam-se ambos os sinos numa forma imperativa e parecia que falavam. “Tendo anubrado para casa de Santiago”. Por efeito físico sugestivo ou credence resultava muitas vezes. Em sentido contrário faziam-se novenas (nove dias de orações, dirigidas pelo padre, com rogos a santos e santidades) a pedir chuva em períodos de seca extrema. Eram realizadas dentro e fora da igreja.

REPLICAR ou REPIQUETE - Quando se repicava: à meia-noite de sábado de Aleluia a anunciar a ressurreição de Cristo enquanto se cantava em locais centrais da aldeia a ressurreição; a anunciar as missas domingueiras ou festivas; nos casamentos, baptizados, crismas, primeiras comunhões, durante as procissões; nas missas cantadas quando a missa estava a Santos dava-se um pequeno repiquete. No sentido metafórico ou irónico quando alguém por acto extraordinário ou por acaso mais feliz diz-se que merece um repiquete. A arte de bem repicar não é comum a todos. Afigura-se difícil com duas notas fazer a melodia os acordes e os baixos por forma a dizer “moliner, moliner, moliner, tim terrim tão terrim tão moliner moliner moliner”.



Bela imagem!

Linda foto de protecção, amor e carinho

De Amor Incondicional

Seria bom, se todos os animais, tivessem a sorte, que este lindo cão teve. (Uma família), com Ternura e Amor verdadeiro!

São Lindos, a dona e o cão!

Em descanso profundo.

Serenidade e boa companhia.

Um patudo, merece tudo que possamos fazer por ele. O meu infelizmente, anda muito mal. E nós mal, andamos.

É difícil ver um amigo tão dedicado a sofrer.

Os animais merecem todo o nosso carinho.

E Ternura!

Não há melhor companhia...

Muita Paz!

É bom ter animais, neste caso cães, mas é verdade que lhe devemos dar o carinho, o que não acontece com algumas pessoas, quando são bebés são muito lindos, e mais tarde são abandonados.

Conclusão, devemos sempre acarinhar os animais.

Saudações

Também quero mimosinhos.

Carinhos caninos.

Tranquilidade e harmonia...

Bom relax Leonor!

Participação

António Oliveira,
M. Gabriela Caldeira,
Ana Real Baiá
M. Augusta Do Ó,
Nazaré Paixão,
M. Emília Lima
e Luz Oliveira



Corpo editorial

Director:

- M. Leonor Carvalho

Corpo redactorial e coorde-nador:

- Emílio Duarte
- Zí Menezes Reis
- António Ramalho

Colaboração neste número

Octávio Pires e Grupo dos Reencontros

- ♦ -

Para críticas, sugestões e colaboração, contactar:



Tlf. - 21 953 30 50

Tlm. - 961 303 636

Morada:

Palácio da Quinta
Municipal da Piedade
2625-201 PÓVOA DE SANTA IRIA

E-mail:

aausvfxira@sapo.pt

Site:

www.aausvfxira.pt

AGENDA

Dia 8/11 - Magusto

Dia 18 a 22/11 - Exposição sobre o dia do Homem

Dia 29/11 - Cordoaria Nacional - Exposição de Tapeçaria de Portalegre